

# a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

## I Conferência da

## União Nacional

### Ocultar, não!

Quando no 2.º numero deste jornal noticiamos a comemoração festiva do XX aniversário da Revolução Nacional intitulamos o nosso artigo com o sub-título com que hoje encimamos este.

Os princípios de então são os mesmos de hoje e são os mesmos de sempre na orientação de «A Voz de Melgaço».

Porque a I Conferência da U. N. foi incontestavelmente um facto notável da passada quinzena e porque tivemos a honra de assistir às suas sessões não podemos deixar de registar nas nossas colunas o que foram essas jornadas de fé nos destinos de Portugal e principalmente porque os assuntos tratados interessam sobremaneira a todo o país e portanto também ao nosso concelho.

A grande imprensa referiu-se largamente ao acontecimento e deu-lhe já o devido relêvo. Não vamos, por isso, fazer uma reportagem completa do que em Lisboa se disse.

Destacaremos apenas aqueles factos, que nos parece mais podem interessar aos nossos leitores.

Do que foi o extraordinário discurso de Salazar na sessão inaugural da Conferência já os nossos assinantes tiveram certamente conhecimento através da larga difusão que lhe foi dada. Seriam poucas as páginas do nosso jornal para lhe fazer os comentários devidos, ou, o que seria mais justo, a sua transcrição na íntegra.

Passamos, pois, a fazer ligeira referência aos pontos de alguns oradores.

Na primeira sessão de trabalhos usou, em primeiro lugar, da palavra o Sr. Ministro do Interior, que afirmou, entre o muito que disse, ser necessário que todos os nacionais preferissem ao estado conceito: «dividir pa-

ra reinar» este outro: «reunir para vencer».

Em seguida falou o Dr. Marques de Carvalho, que preconizou a elaboração dum plano de organização de segurança social que defendia os menos favorecidos pela sorte - dentro dos sentimentos de justiça dos nossos tempos.

Em nome dos estudantes falou o universitário Homem Ferreira.

A seguir usou da palavra o Sr. Dr. Araújo Barros que disse que se anunciara discussão e por isso trazia a mensagem dos novos contra os erros

de execução para que se não repitam. Reconhecia o que se fez e aceitava como garantia do melhor que ha-de vir. Acrescentou verificar com desgosto que o Estado Novo se ia tornando impopular «Impõe-se acabar com o divórcio entre a Revolução e o povo a que ela se destina». Concluiu dizendo que não podia deixar de obedecer ao fôgo que o anima dizendo lamentar que Salazar não ouvisse as suas queixas.

Pedia ao Snr. Ministro

(Continua na 4.ª pag.)

## DESSPORTOS

### FUTEBOL



Este é o UNIDOS FUTEBOL CLUB DE MELGAÇO

Finalmente o futebol em Melgaço, teve o seu primeiro jogo desta época no ultimo domingo 27, aonde o Sporting Club de Melgaço no campo do Monte de Prado, recebeu a visita do popular agrupamento de Paredes de Coura, o Desportivo Courense, para se encontrarem numa partida amigavel.

Findos os noventa minutos, os Leões de Melgaço, venceram com facilidade por seis a um, sendo o resultado de 3 0 ao intervalo.

Logo no começo do encontro, o marcador começou a funcionar. Arlindo, abriu o activo, para a seguir A Esteves, marcou o 2.º tento e Carlota, o 3.º, resultado com que terminou a primeira parte.

No segundo tempo, de novo A.

Esteves, marca a 4.ª bola, Araújo, marca a 5.ª e Manuel Duarte, fecha a conta dos seis.

Quando o resultado parecia feito, Ribas, do grupo vencido, no ultimo minuto, marca o chamado tempo de honra do seu club.

No grupo vencedor, fizeram exhibição de esgrada, Cesário, um jovem guarda redes, de bom futuro o médio centro, A. Esteves, e na linha avançada, tudo j.ºou bem.

O Sporting Club de Melgaço, apresentou-se com os seguintes elementos: Cesário, Alberto I e Moreira; Malheiro, A. Esteves e José Felix; Alberto II, Carlota, Araújo Manuel Duarte e Arlindo.

Manuel Luiz Pires Júnior

## A próxima conferência do Congresso Eucarístico

Fala-se com certo entusiasmo na próxima conferência do Congresso Eucarístico a realizar no dia 8 de Dezembro.

Melgaço vai assim a pouco e pouco saindo do marasmo em que tem vivido, mercê dos esforços de boas vontades entre os quais é justissimo destacar a actuação do nosso Ilustre Presidente da Câmara, Dr. Elísio Pimenta, e do muito Rev.º Arcipreste, P.º Carlos Vaz.

Assim de braço dado as nossas autoridades Civis e Ecclesiásticas, a par daquela incontestavel obra do rejuvenescimento da nossa fé, elevarão o nível social e moral do povo do nosso concelho.

## Novos assinantes

Deram nos a honra da sua assinatura, os Sr.ºs: Hilário Ferreira, prof. Manuel Veloso Gomes, José Alves Moreira.

## Dr. Varela Seixas

A seu pedido, foi colocado na Tesouraria da Câmara de Bragança o Sr. Dr. Abel Varela Seixas, nosso querido amigo e presado assinante.

## Produtores directos

### Dário do Minho

Não há bem minhoto que não essine o órgão que defende os interesses da sua REGIÃO

### A CRUZADA

O católi o cuida da sua formação assinando este boletim paroquial

Tem «A Voz de Melgaço» desenvolvido uma forte campanha a favor da gente de Melgaço no sentido de a aliviarmos do sofrimento das penas.

Com o mesmo desassombro com que escrevemos o último artigo, com a mesma lealdade registamos os factos comunicando aos nossos leitores de que, nos informam:

1) O governo vai promulgar um decreto reduzindo as multas em 75,0% e que parece que as mesmas não poderão ir além da contribuição predial rústica do prédio respectivo.

2) No Grémio da Lavoura reuniu-se no pretérito sábado o Dr. Júlio Outeiro Esteves, Presidente da U. N., prof. Abílio Domingues, Presidente do Grémio da Lavoura, P.º Carlos Vaz, arcepreste, Artur Duque, regedor de Paderne, Armando de Magalhães, presidente da Junta de Freguesia de Alvaredo, Dr. Victorino Ribeiro de Figueiredo e Castro, de Alvaredo, José Joaquim Meleiro, de Paderne, Manuel da Rocha, de Penso, este em representação dos proprietários.

Da reunião resultou ir esta Comissão à Câmara Municipal agradecer ao Ex.º Presidente da Câmara os esforços feitos e os benefícios conseguidos e pedir-lhe que agradecesse ao Governo.

Falou o Dr. Júlio Outeiro Esteves. Agradeceu o Dr. Elísio Pimenta que salientou a necessidade de acabar com os produtores directos, palavras que todos receberam da melhor boa vontade.

## NEVE

A imitar o linho, na sua alvura cheia de frescura e cheia de corinho,

vai caindo a neve...

Perto dos caminhos e sobre a calçada, junta-se aos montinhos pela madrugada.

Cai sobre as ramadas... desce aos verdes campos e brilha como os doces pirilampas... os forrolins das noites estreladas.

Cai sobre a giesta, beija-lhe os raminhos... Dorme nos telhados... veste os mais branquinhos, parecendo caiados em dias de festa!...

A ondular nervosa, pelas noites frias, sai do povoado: - Vai cobrir as serranias com seu manto de nevado...

... E muito ao de leve, quando findo o dia, vai caindo a neve sobre a minha fantasia!...

FUY PEREIRA DE EÇA



# PELA VILA

### Noticias da quinzena

Estamos enrranhados em pleno inverno.

As colheitas ficaram quase todas concludidas antes da chuva a não ser para os montes onde a falta de maturação dos milhos e a repentina chegada do inverno opanhou alguns lavradores de surpresa. Tirante isso, foi um bom ano agrícola.

—Segundo nos consta tem se manifestado epidemia nos gados, mas que eu saiba não tem havido muitos casos fataes. E os cevalos já lhe vão applicando o remédio radical.

—Faleceu, há tempos, uma rapariga da freguesia de Melgaço que deixou muitas saudades neste meio, porque era muito virtuosa e por quem as compenheiras mandaram celebrar uma Missa na passada sexta-feira a qual assistiram todas as filhadas. A desventurada menina (cu talvez mais feliz do que nós) chamava-se Lúcia Alves Piementa, orfã de pai e mãe. Todavia não lhe faltou o carinho de uma devotada tia, que lhe fez tudo o que humanamente era possível.

—Continua tudo muito caro pelas feiras, e a preços inacessíveis. Não há meio de terminar a exploração. A benemerita G.N.R. tem exercido grande vigilância no mercado, mas os trochantes encontram sempre meios de iludir as taboas e regulamentos.

Só a concorrência dos géneros é que pode fazer baixar os preços.

—Há muito quem se revolte contra as tabelamentos, mas eles só se dispõem com a abundância.

—No Sábado à noite houve uma forte tempestade. Não sabemos de desastres a não ser para os montes em e o m. a ç o s ou cobertos, e médias de palha e feno.

—Há dias chegou ao Hospital desta Vila uma mulher de Chaviões atingida por um tiro disparado por um carabineiro. O ferimento não foi mortal.

## Castro Laboreiro

(Continuação da 2.ª pag.)

o povo, está resolvida a mandar aplanar o terreno que morgina o termo da estrada para ali se poder realizar a feir' quinzenal.

Bem hojam os empreendedores de tal iniciativa.

Devido à alma caritativa e n bre do Sr. Manuel José Domingues, M. Digno Presidente da Junta desta freguesia, Castro vai receber por intermédio da Intendência Cancellia uns quatro mil quilos de milho colontal.

Um sincero muito brigado ao nosso bond: co conterdâneo.

§ § §

§ § §

§ § §

Grandes contingentes de operários desta freguesia té n emigrado para a Espanha e França a fim de ali ganhar rem o amargo pão de cada dia.

Se assim continua, dentro em pouco não se encontra em Castro um homem válido.

Na Intendência de Melgaço foi colocado o nosso prezado amigo e conterrâneo Adelino Rodrigues. Os nossos parabéns. — C.

## Grémio da Lavoura de Melgaço

Telefene: 13

PRESTA aos seus associados as melhores vantagens na compra de alfaias agrícolas, adubos, artigos para apicultura e viticultura, farinhas para animais, sulfatos de ferro e de cobre, enxofre, corda e outros artigos para lavoura.

ENCARREGA-SE, em condições vantajosas, de colocar os produtos dos seus associados no mercado e de obter respostas a consultas que lhe sejam apresentadas sôbre assuntos de lavoura.

CONVIDA os associados a aproveitarem os seus serviços e visitarem os seus armazens, verificando as vantagens que podem usufruir quer em preços, quer em qualidades.

GARANTE as qualidades dos artigos que fornece e a modicidade dos preços.

## Adeus combóio galego...

Era ao cair da tarde, quando galguei a encosta de um pequeno outeiro sobranceiro à Espanha, donde meus olhos contemplaram desolbrados e poética paisagem que se acolhia caprichosa e despreocupada nos braços do rio Minho: Emblado pelas ternas canções que as suas águas vem desdobrando pelas quebradas, aquele lindo vale, matizado de verdura, principiava a adormecer; os montes, iluminados pelos últimos raios de sol, figuravam vitoriosos gigantes aos quais a mão trêmula dos séculos corouu com um diadema de glórin; as sombras, que se debuçaram sôbre as quebradas, eram pequenos farrapos de azul marinho com as quais a noite velava a face da natureza. Dois silvos a princípio confusos e depois mais distintos, chegam aos meus ouvidos: Eram os saudosos ais e suspiros locomotiva do combóio galego abindonada à mercê da brisa, ao deixar uma pequena estação. Aqueles apitos agudos e ao mesmo tempo plangentes simbolizavam bem as saudades e as lagrimas dos passageiros que partiam, sabe Deus até quando e para onde. Os ramos das árvores que se elevavam silenciosos à beira da linha saudavam carinhosamente os viajantes que o trem transportava o garosamente. As janelas de algumas carruagens assomavam de vez em quando pequenos lenços brancos, aos quais o ar, deslocado pelo movimento do combóio, imprimia um agitar continuo. Era o custoso adeus dos coraçãoes que partiam aos entes queridos que ficavam. Estes pequenos dramas da sauidade, tão simples, mas emocionantes entram-me pela alma dentro e fizeram-me rememorar aos tempos queridos da minha infancia em que eu, despreocupadamente reclinado no regaço de minha mãe, ouvia cantar as raparigas da minha terra aquela tão ingénua, mas expressiva qudrá:

Adeus combóio galego, combóio arrastador tu levaste e não trouxeste à terra o meu amor.

Este treno de sauidade, repassado de tristezia, exprimia com toda a precisão o estado melancólico de um coração dorido a quem a mão cruel da distancia delém em afastadas p ragens o objecto do seu amor.

—O futuro esposo, Silvos agudos ecoam pelo espaço; o combóio numa marcha vigorosa vai-se afastando da minha vista; a natureza adormeceu em um sono sereno e o rio Minho com mêdo de a acordar vai deslizando devagarinho, cantando sempre as suas ternas canções.

Castro Laboreiro, 15-XI-1946

O Castrej)

## Bon Marché

(Casa fundada em 1914)



Mercearias, Queijos, Doçarias, Vinhos Verdes e Maduros, Papelaria, Livraria, Artigos Escolares, Velas de Cera, Sal, Escovas e Vasouras, Cordoaria, Louças, Vidros e Miudezas

## De tempos idos Rouças, 24

Era em 1914.

A guerra alastrava pela Europa inteira e o sangue corria abundante em terras abrasadas de fogo.

Em chegando a hora dos portugueses, também Melgaço enviou os seus filhos.

Bravos soldados de cavalaria embarcou para terras de França a honrar a bandeira da Pátria.

Ao receber a ordem da mobilização olhou para o seu cãozinho e chorou.

Pobre cãozinho...

No meio da sua tristeza era o fiel amigo e a fiscalização inglesa tenta impedir o desembarque do cãozinho. O comando português intervem e, ambos fazem a guerra.

Souu a hora do armistício, vem a paz; e os dois combatentes regressam à Pátria e chegam a Melgaço.

Era esta a sua terra.

Tendo sido muito concorrido, terminou com grande solenidade, o mês do Rosário. E, com superior concorrência, principiou o mês das Almas. Devido aos esforços perseverantes do Reverendo Pároco Carlos Vaz, apóstolo incansável vi despertando nesta freguesia maior respeito e consideração pelos nossos antepassados. Para que esta nota, quasi um sinal de gratidão para os que nos deram o ser, ficasse bem gravada na mente de todos, no 1.º de Novembro, o Rev. mo P.º Carlos Vaz fez acompanhar as suas palavras de um gesto inulgar na sua vida p nquial em Rouças: pela primeira vez desde que pastoreia esta freguesia, subiu os degraus de cálpito, frisando que assim o fazia porque assim o requeria a grandeza do assunto de que falava aos seus peregrinos.

Oxalá, Sr. P.º Carlos Vaz, as suas palavras sejam semente caída em bom terreno, e tenham como fruto, além do mais, a reparação urgente do Cemitério. Conhecedores do que se passa noutras terras, lamentamos que nesta freguesia não exista, como naquelas, o bellissimo costume de todos os sábados limpar e enleitar as campas. O melhor eranto que podemos fazer aos nossos finados seria, como n o u t r a s terras desleido Portugal, a visita de todos os domingos ao Cemitério, antes ou depois da missa.

Chegadas—Vindos de Lisboa têm chegado a esta freguesia vários rapazes que ali foram ganhar para custear as despesas da vida. Menos feliz, porém, foi Anibal Gonçalves Meleiro, de Lubiá, que regressou de Espanha, sob a tutela da P. I. D. E., por falta de documentos. Lamentamos a sua sorte, principalmente o mal passar, e aconselhamos mais prudência no que respeita à imigração.

Casamento—Com grande fausto realizaram o seu enlace matrimonial Edistau de Sousa e Alberta Viegas, ambos naturais desta freguesia. Aos noivos desejamos as mais gratas venturas.

Baptizado—Com o nome de Maria Rodrigues foi ontem baptizada uma filhinha do nosso grande amigo e conterrâneo, António Rodrigues, de Lobão. Que Deus ampare sempre os russos vacillantes de mais este soldado que ingressou ontem nas suas fileiras são as nossas mais ardentes e fervorosas preces ao Criador do Universo.

Neurologia—Com 73 anos de idade, faleceu no lugar da Cela, desta freguesia, José Domingues, viúvo. O funeral foi muito modesto.

A família eludada apresentamos os mais cordiais e sinceros pêsames.

Ronda—Pela G. N. R. foi feita uma ronda a todos os s rões desta freguesia, na noite de 23 do corrente. Conta nos que a mesma apreendeu grande quantidade de canivetes e armas de fogo. — C.

## A SAMARITANA

DE

### Hilário Alves Gonçalves

PRAÇA DA REPUBLICA — MELGAÇO

(Casa fundada em 1927)

Lanifícios para fatos de homem; Fazendas de lã e de seda, para vestidos e casacos de senhora; Fantasias e tecidos de algodão das ultimas novidades; Camisaria; Gravatas; Chapeus; Guarda-sois; Calçado para homem, senhora e criança; Malhas e Miudezas; Perfumarias e artigos de Beleza; Brinquedos e Bijouterias; Artigos eléctricos e T. S. F.; Papelaria e artigos para escritório; Confeitarias; Mercearias; Vinhos finos e Espumosos.

Correspondente da Companhia de Seguros «Tranquilidade»

—Encarrega-se de instalações eléctricas—  
—A máxima seriedade nas suas transacções.

# A nossa terra

XI

## Parada do Monte

Como já vimos, o 1.º Vigário de que há notícia foi o P.e Domingos Martins, por cujo falecimento foi nomeado o P.e Jeronimo Esteves, em 1590, pelo reitor de Riba de Mouro.

A nomeação dos Vigários era *ad nuptum*, isto é, podiam ser substituídos quando apossessem a quem os nomeava.

Nos fins do século XVII tinha esta freguesia 150 fogos e rendia 40 000 reis para o Vigário e 66 000 para o Comendador (Casa do Infante).

Em 5 de Janeiro de 1720 o Reitor Manuel Rodrigues Carneiro, de Riba de Mouro, requereu a erecção da Vigoiaria *in perpetuum*, isto é, com nomeação dos Vigários colados ou para toda a vida. Apresentou o P.e Manuel de Sousa Labato, de Ceivães, que já regia aquela Igreja desde 1714. Foi lhe passado título a 27 de febreiro e ali veio a falecer em 1749, tendo, portanto, presidido aos destinos espirituais daquele povo pelo espaço de 35 anos.

Em 1744, devido a seus achaques, já tinha um cura, o P.e Manuel Alves.

Em 1745 manda o Visitador fazer alguns despesos com o dinheiro aplicado para a fabrica que me in formam são dezasseis mil reis para esta Igreja, Gave e Sima de Mouro (sic),... obras a que chega muito bem o dinheiro liquido da fabrica destinado pro rata para cada uma das sobreditas Igrejas.

Em 1754 determinou se alargar o adro para o lado sul, e fazer uma tribuna para melhor fazer a Semana Santa.

Para esta devoção da Semana Santa havia se organizado em 1746 um capital de 210 000 reis com deixas e donativos diversos. As suas solenidades realizavam se normalmente através dos tempos. Em 1877 o capital já estava elevado a 439.820 reis com várias sobras que se lhe foram ajuntando.

Há já alguns anos que deixaram de se realizar as endoengas, a que o povo gostava de assistir.

Em 1765 foi criada em Parado um centro de Palestra para o clero desta freguesia e dos de Lamas, Cubalhão, Cousio e Gave.

Em 1833 foram abolidos os padroados eclesiasticos em todo o Reino (Decreto de 5 de Agosto), e por isso Parado do Monte, filial anexa de Riba de Mouro, passou a paróquia autónoma como as outras.

Em 8 de Dezembro de 1874 foi colado nesta Igreja o P.e José Augusto Ferreira, da Vila de Monção, com o título de Reitor para si e seus sucessores.

Pelo constitucionalismo criado em Portugal com o advento da República os Párcos passaram a ser *encomendados* anualmente *ad nuptum*, e o de Parado do Monte é tratado por *Abade*, nome genérico por que são chamados a maior parte dos párcos do norte, como os do sul geralmente são designados por *Priores*.

Há cerca de sete anos que preside aos destinos espirituais desta freguesia o Rev. António José Rodrigues, de Riba de Mouro, a cujo zelo administrativo se deve a conclusão do altar da capela lateral, a renovação da maior parte dos paramentos sagrados, a colocação de azulejos na capela-mór, a aquisição da Imagem de N. Senhora de Fátima, a Via-Sacra em quadros, etc..

Esta freguesia tem dois prédios escolares. A construção do primeiro foi promovida pelo Reitor José A. Fer-

reira com o auxilio do povo, desta cando se Miguel Vieites, de Cortegada, Manuel Luiz Domingues (o Revolta), do Coto do Paço, e Francisco Domingues (o Brasileiro), do Pereiral, os quais assim como o Reitor, deram para a obra 12 libras e mais tarde outros 2. O povo deu as madeiras, os carretos e algum dinheiro.

O segundo foi construido há poucos anos por comparticipação do Estado que também concedeu vinte e tal contos de subsidio para enleiramento do rego de Souteiro.

A Igreja paraquial tem torre com 2 sinos um de 1772 e outro de 1790.

A primeira secção da Cruzada Eu carística dos Criangos do concelho de Melgaço foi inaugurada nesta freguesia no dia do seu padroeiro S. Mamede, em 17 de Agosto de 1933, sendo párcos o Rev. do Augusto Cesar Lima Monteiro, de Tangil.

São naturais desta freguesia os Rev. dos Justino Domingues, párcos da Vila de Melgaço, António Domingues, párcos de Chaviães e Manuel Vieites de Carvalho, párcos de Várzea Cova (Fafe).

Digno de atenção e com seus ares de antiguidade o S. Jerónimo, na Aldeia Grande, nicho de alminhas sobre o qual sobressai o dito santo, tudo em pedra e acobertado por um arco trilobulado.

A gente admira mas não comprehende por que bulas tem a estatuetta o nome de S. Jerónimo e a configuração franciscana do popular S.to Antonio.

Para terminar não quero esquecer a grande aspiração desta freguesia e melhoramento que muito a viria beneficiar, uma estrada que a ligasse á que vai de Melgaço a Lamas do Mouro, ponha e assim em comunicação mais fácil com a sede do concelho.

No dia em que a Vereação Municipal tomar o peito o problema das freguesias rurais, será, por certo, esta uma das primeiras realizações.

Bernardo Pinto

## Manuel Cunha

Já retirou desta Vila para a de Valença o nosso amigo e presado assinante, Manuel Cunha, distinto funcionário da Câmara de Valença, aonde exerce as funções de Chefe da Secretaria.

Sentimos a ausência do bom amigo. Mas reconhecemos que faz falta no lugar que ocupa.

### «A Voz de Melgaço»

Faz vender e tornar conhecida a casa anunciadora. Anuncie, pois, neste jornal

## Assinaturas

### pagas

Pagaram a assinatura os Sr.s:

Alvaro Cardoso—20\$00;  
Justino Domingues, Firmino Esteves, Celso Augusto Ferreira, D. Elvira da Conceição Outeiro, Adriano Ramos Gonçalves, José Laurindo de Faria, José Narciso Esteves, Hilário Alves Gonçalves, Manuel Rodrigues Morais, P.e Firmino A. Gonçalves, Manuel A. Marques, Vitorino José Lopes, Agostinho Esteves Caldas, José Maria Pires, Aarão Esteves, Luiz Augusto Rodrigues, José Gonçalves, Martins Lourenço, D. Emília da C. Magalhães, D. Alzira do Céu Cardoso, Joaquim Ferreira, P.e Joaquim Campos Lima, Manuel José Gonçalves, António da Silva, Manuel António Esteve, Martins de Barros, 20\$00; António Lourenço, P.e Armando Tito Domingues, António Joaquim Esteves, D. Maria Angelina, Manuel da Rocha Passos, Quintino Domingues, José Augusto Gregório, António Xavier Ribeiro e Castro, António Luiz Vidal, Manuel Esteves Lira, Manuel Inácio Durães.

A todos os nossos agradecimentos.

# I Conferência da União Nacional

(Continuação da 1.ª página)

do Interior que lhas dissesse, pois, por de trás das suas críticas, pulsavam corações isentos, de generosos portugueses.

O Sr. Dr. Ernesto Pereira apresentou uma série de questões entre as quais destacamos: Perante a inoperância das Comissões Municipais e paraquiais de Assistência sabe-se que elas respondem não ter praticamente meios ou recursos para qualquer acção e não terem mesmo uma função completamente eficiente. Sabem os Tribunais de Trabalho e a legislação que os informa que na vida rural o proprietário é muitas vezes um companheiro de trabalho dos sinistrados tão carecido como estes de trabalho e auxilio? É sustentavel a exiguidade de remuneração de certos humildes servidores do Estado, como os estafetas rurais e os regentes dos postos de ensino, pagos em termos que até nos custa referir aqui?...

Depois vários oradores aludiram aos problemas sociais sendo justo destacar as palavras da Sr.a D. Maria José Novais que disse: «O Governo fez

muito do muito que estava por fazer. Mas levem lá longe áqueles que ficam na sua terra, a certeza de que se preocupam com os problemas sociais».

Salientou a necessidade de uma grande redistribuição de cultura e de educação. Referiu-se à assistência hospitalar apontando algumas das suas deficiências, citando exemplos e afirmou que o que se dá como raciocínio não chega para manter a vida da população.

Em resposta aos oradores usaram da palavra o Sr. Dr. Castro Fernandes, Sub-Secretário das Corporações, que entre outras coisas disse que não ficaremos habilitados a julgar as realizações da nossa politica social se esquecermos que o nosso problema se integra no quadro da crise que o mundo atravessa.

O Sr. Ministro do Interior respondeu depois a algumas das criticas feitas falando no drama que atravessam algumas Camaras Municipais e que sua Ex.ª tem procurado resolver e está disposto a resolver definitivamente. Esclarecem também a questão das Comissões de Assistência cuja eficiencia só poderá vir a verificar-se com o decorrer do tempo.

O Subsecretário do Estado de Assistência respondeu depois á critica do deputado sr. Santos Bessa e afirmou que as crianças assistidas em 1946 são mais do dobro mesmo em relação ao ano findo.

Encerrou-se assim a 1.a sessão dos trabalhos.

## Novos VEREADORES

Foram eleitos pelo Conselho Municipal os novos vereadores:

Efectivos: prof. Ismael Dias de Carvalho e Hilário Alves Gonçalves.

Substituto: Justiniano Ribeiro.

Aos novos vereadores envia «A Voz de Melgaço» suas cordeais felicitações.

# Rádio Voz de Melgaço

## Das nossos receptores...

Fátima, daqui Fátima. A imagem de N. Senhora de Fátima volta a Lisboa. Prepara-se lhe nova viagem triunfal e assim está previsto que em todas as sedes do concelho, a veneranda imagem da Senhora fique exposta ao culto uma noite e um dia. Com esta viagem da imagem, rainha e padroeira dos portugueses, vão encerrar-se as festas do tri centenário.

§ § §

Lisboa, daqui Lisboa. Um pavoroso incêndio destruiu na Cova da Piedade tres fabricos de produtos de cortiça, sendo os prejuizos de 10 000 contos.

§ § §

Eh! lá... Monção, daqui Monção. Esperam-se vários melhoramentos nos serviços de comboios entre o Minho e a Galizia, e se for penoso a V. Ex.ª não possor em Valença a fronteira, pode fazer lo aqui, mediante algumas pequenas formalidades. E vós, ponto de São Gregório, porque não abris? Porque o não pedis?.

Director e Administrador:  
P.e JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração provisórias: Residência paraquial de Melgaço  
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» — Braga

Chefe da Redacção e Editor:  
Dr. JÚLIO OUTEIRO ESTEVES

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 15\$00  
ANO I

MELGAÇO, 1 de Dezembro de 1946

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA  
N.º 13

# A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

## Oportuna resolução da junta de fre- guesia de Chaviães

Acaba de chegar ao nosso conhecimento que a junta desta freguesia de Chaviães, na última reunião, resolveu proceder ao amanhã dos dois caminhos que ligam a Igreja paroquial com a estrada nacional.

Por tal resolução sómente merece os nossos parabens, bem como os de toda a gente de bom senso.

Na verdade são trabalhos de extrema necessidade, pois, a continuar em assim, os proprietários de matas e vinhas, principalmente daquelas que estão mais próximas do rio Minho, não poderão exportar os seus produtos, o que arruinará as suas finanças.

Esperamos que essa deliberação não ficará sim

(Continua na 4.ª pág.)

## A Fátima

O Rev. P. e Justino Domingues, muito digno pároco da Vila de Melgaço, está presentemente a organizar uma peregrinação concelhia a Fátima que sairá desta vila no dia 11 do Maio e percorrerá várias terras do nosso país.

A caminheta terá trinta e dois lugares.

É muito o entusiasmo dos melgacenses e prevê-se que seja necessário alugar mais caminhetas.

Brevemente serão dados esclarecimentos e publicado o itinerário que a peregrinação vai seguir.

## As nossas saudações

Com este número de «A Voz de Melgaço» levamos, aos nossos assinantes, as saudações mais efusivas e sinceras de «boas-festas».

Somos todos, — os melgacenses — uma família e queremos que a todos os lares chegassem o cartão de boas festas dos que trabalham nesta redacção, trabalho só orientado para o bem da terra, em que nascemos, da sua nobre e gloriosa gente.

Na noite de Natal entram em casa os que por longes terras mouream o pão de cada dia. Levam aos pais o carinho das suas almas e a ternura de seus corações.

Que todos os melgacenses, esparsos em terra portuguesa ou estrangeira, possam, junto dos seus, festejar o dia de «Natal». «A Voz de Melgaço» leva, para esses, o recado dos pais:

— Filho não faltes na noite de Natal. Que todos os filhos de Melgaço não faltem com o amor aos seus em dia de Natal.

Que aqueles que podem deslocar-se

à terra que os viu nascer se desloquem; que aqueles que estão impossibilitados de encetarem essa viagem enviem uma lembrança a todos os seus.

O natal é a festa da família.

Por que de sejamos que esta festa, tão linda, desde a ceia até à missa do dia, com as orações em ternecidas pelos que Deus já levou,

seja celebrada por todos, não queremos faltar com os nossos votos de «boas-festas» para todos os melgacenses, para todos os assinantes e anunciantes.

Num só abraço, abraçamos o pobre e o rico, o presente e o ausente e que a nossa saudação seja a da gente de Melgaço, em 25 de Dezembro, quando das visitas familiares: «que p'ro ano estejamos todos aqui».

São estes, com os desejos de «boas festas», os votos dos que trabalham em

«A Voz de Melgaço».

## Ainda as videiras americanas

### O que que é o lavrador!

Somos um jornal católico e regionalista e, em política, independentes.

Os problemas da nossa terra são os do nosso jornal. A lavoura, classe mais numerosa, merece-nos particular atenção.

E estes problemas da Terra havemos de tratá-los sempre com a maior das independências e de independências.

O caso das videiras americanas! «A Voz de Melgaço» lamentou a vinda aqui da brigada que percorreu todo o

concelho e lamenta ainda que ela se não tivesse instalado na sede do concelho, vindo todos os dias de Monção.

«A Voz de Melgaço» sente dizer que este caso das videiras americanas não está ainda suficientemente resolvido e esclarecido.

RECONHECEMOS que, vai por uma dezena de anos, os serviços respectivos do Governo andam a avisar a população,

(Continua na 4.ª página)

## segunda CONFERENCIA

Muitos dos nossos conterrâneos não queriam convencer-se de que o grande apóstolo do Amor, uma das mais altas figuras nacionais de h. t., o Padre Américo da Casa do Galvão viesse tão cedo a esta nossa linda terra de Melgaço.

Depois o tempo que esteve... de ventania, de temporal desfeito, durante a noite de sete e toda a manhã do dia oito, desviaram muita gente que on siava por ouvir o Senhor P. Américo.

Sabíamos de gente da Gouve, de Parada, de Castro, lá do Monte por não falarmos das freguesias da Ribeira.

Escolheu-se a igreja do convento, porque só ela comportaria a recalcada rel messa de gente que viria ouvir a 2.ª conferência.

Se o dia estivesse limpo, se o sol ou mesmo o tempo um pouco mais calmo e suave nos iluminassem naquele dia, seriam muitos os que tinham de ficar no adro da igreja.

Era grande, muito grande o entusiasmo de todos os melgacenses.

Mesmo na vila, com o tempo que estava, não se supunha que fosse possível realizar-se a segunda conferência.

Realiz u se!

E a igreja do convento, que se encheu apesar de tudo. E então que lind a conferência!

Que bela e formosa alma a do Sr. P. Américo de Aguiar!

Que ventura para Portugal a presença daquela alma grande, apostólica, de Deus!

Sacerdote só aos 42 anos, deixando atrás de si uma esposa virtuosa que não quis... para ser o mendigo que já leva gastos em Povo de Sousa com os seus rapazinhas, 130 só ali, uns quatro mil centos...

O P. Américo tem mais casas espalhadas pelo país.

E com que ternura e conecção ele nos dizia do alto do púlpito: «na nossa casa (nossa, reparamos, do Sr. Padre e dos pequenos...) na nossa casa tudo está certo».

Na nossa casa não há castigos...

Na nossa casa ama-se...

O pobrezinho é a presença real de Cristo.

Mas a sua conferência tão sugestiva não pôde descrever-se...

Todos o ouvimos e ficamos com pena de que fossem apenas cinco, os minutos que nos dedicou. Aquel hora foi, na verdade, o espaço de cinco longos e rissimos minutos.

E teriamos novamente um grande dia de preparação para o Congresso, se a luz nos não faltasse para as sessões da tarde e noite.

É demais!!!

Aprel...

§ § §

A Comissão Organizadora do Congresso volta a agradecer a todos os melgacenses a camaradagem, o entusiasmo e a maneira gentil como se vive a nossa grande hora, a hora da nossa festa!

Mais alguns poucos meses e Melgaço assistirá à mais alta festa aqui realizada.

Todos nos sentimos solidários nesta jornada.

É a hora grande de Melgaço.

E as festas continuam...

## Pela redacção

### Nos nossos colaboradores

Por não termos espaço ficar, retido, para o próximo número, bastante original, como o relato da 1.ª conferência da União Nacional que o nosso chefe da Redacção fez, com esmero, o artigo «O Natal» do nosso presado amigo e colaborador Alfredo José Rodrigues (Ribeiro), uma carta do nosso sócio correspondente da capital, o Sr. Gilberto Cardoso.

Pedimos a todos muita desculpa.

### Entrevista sensacional

O nosso amigo, António Esteves Meleiro (Cabana), concedeu uma entrevista sensacional a «A Voz de Melgaço» e que publicaremos no próximo número, isto que lhe queremos dar o relato que ao assunto de que trata e ao nosso entrevistado é devido.

Desde já muito obrigado.

E aos melgacenses: «Atenção aos novos».





# EDITAL

## Recenseamento Eleitoral

HERCULANO ARSÉNIO GOMES PINHEIRO, *Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Melgaço*:

Faz saber, nos termos e para os efeitos do art. 10.º da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores do PRESIDENTE DA REPÚBLICA e da ASSEMBLEIA NACIONAL para o ano de 1947, terão início em 2 de Janeiro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

### Do abrigo do disposto nos Art. 1.º e 2.º da citada Lei:

São eleitores e, como tal, recenseáveis:

1.º—Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português;

2.º—Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantias não inferiores a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial imposto profissional e imposto sobre a aplicação de capitais;

3.º—Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:

- a)—curso geral dos liceus;
- b)—curso do magistério primário;
- c)—curso das escolas de belas artes;
- d)—curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;
- e)—curso dos institutos industriais e comerciais.

4.º—Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas nos nos 1.º ou 2.º.

Para os efeitos do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras que vivam inteiramente sobre si.

5.º—Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português e paguem de contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantias não inferiores a 200\$00.

A prova de saber ler e escrever faz-se:

a)—Pela exibição de diplomas de

exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;

b)—Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c)—Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia;

d)—Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o art. 13.º da citada Lei.

A prova do pagamento referido nos 2.º, 4.º e 5.º faz-se:

a)—Pela exibição, perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do eleitor;

b)—Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças.

As declarações de valor dos bens do marido se levarão em conta os impostos correspondentes nos bens da mulher, posto que entre eles não haja comunhão de bens, e nos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

A prova das habilitações referidas no n.º 3.º faz-se:

Pela exibição do diploma do curso, da certidão ou a pública forma respectiva, perante a comissão a que se refere a alínea a), ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no art. 13.º, da citada Lei.

Não podem ser eleitores:

1.º—Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;

2.º—Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os actualmente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença;

3.º—Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;

4.º—Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expiada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;

5.º—Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;

6.º—Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de cinco anos;

7.º—Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como Estado independente e à disciplina social;

8.º—Os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

*Todos os cidadãos com direito a voto, poderão requerer a sua inscrição no Recenseamento, ao Presidente da Comissão Recenseadora, por intermédio das Comissões de Freguesia, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, profissão, habilitações literárias, e morada.*

## A nossa terra

XII

### GAVE

Depois de escrever de Parada do Monte cumpre continuar a tratar da Gave, outra freguesia que era filiada anexa à de Riba de Mouro, como já vimos.

Assenta na margem esquerda do rio Mouro e alonga-se para a serra da Peneda onde abrange grandes extensões de baldios nas imediações da sua veranda da Aveleira.

Esta freguesia já existia no século XVII, quando em 1650 foram inventariados os bens da Casa de Vila Real, confiscados pela sentença que condenou à morte o Marquês cúmplice de alta traição ao Rei e à Pátria.

Na delimitação do termo de Valadares, pertencente à dita casa, deu-se um incidente a respeito das pastagens nos montados limitrofes desta freguesia com o então concelho de Sajojo, por reclamação do povo da Gave. O caso foi resolvido, satisfatoriamente para ambas as partes, em Valadares.

Como a de Parada, a Igreja da Gave era regida em tempos antigos por um Vigário amovível, que nos fins do século XVII tinha o rendimento de 40.000 reis, recebendo o Comendador (Casa de Vila Real) 70.000. Naquele tempo era povoado por 130 fijos.

O Vigário de que tenho notícia foi o P. Pedro Monteiro, nomeado em 1683. Este Vigário foi colado, em boro a Vigairaria não tivesse ainda sido erigida in perpetuum.

Não pude averiguar ao certo quando foi elevada a tal categoria, que lhe foi requerida pelo Reitor Leonor de Alpoim Barreto, de Riba de

Mouro, em 21 de Dezembro de 1703, ao apresentar para Vigário o P. Bento Domingues, de Parada do Monte, que já regia aquela Igreja desde 1701.

Foi o possivelmente em 1720, na mesma ocasião que a de Parada do Monte.

Em abono desta afirmação temos os velhos e quase ilegíveis estatutos da Confraria do Senhor, votados em 20 de Outubro de 1721, em que se estabeleceram as normas para a eleição do Juiz e 2 eleitos (ou vogais) para administrar a Igreja, e onde se lê que o SS. Sacramento foi pôsto há pouco tempo.

Em 19 de Junho de 1729 foram votados os estatutos da Confraria das Almas.

Em 1736, por falecimento do dito P. Bento Domingues, foi apresentado pelo Reitor Manuel Rodrigues Carneiro para Vigário da Igreja da Gave o P. Manuel de Sousa Lobato, de Tangil. Foi já colado e governou esta Igreja durante 30 anos.

A Igreja Paroquial da Gave foi reconstruída no último quartel do século XVIII ostentando na padieira a data 1783.

Da velha Igreja resta o altar das almas em falha renascença com retábulo pintado.

Do mesmo estilo deveu ser o altar mór, de que há vestígios em um calço de madeira debaixo da actual tribuna, e em uma frente de sacrário que o actual pároco levou da capelinha das Alminhas de Eiriz, e vai restaurar para adaptar ao sacrário de agora.

Recorde-se a respeito desta freguesia o que deixei dito da de Parada quanto ao incidente com o direito de apresentação dos vigários e extinção dos padroados em 1835.

BERNARDO PINTOR

## Bon Marché

(Casa fundada em 1914)



Mercearias, Queijos, Doçarias, Vinhos Verdes e Maduros, Papelaria, Livraria, Artigos Escolares, Velas de Cera, Sal, Escovas e Vasouras, Cordoaria, Louças, Vidros e Miudezas

## Grémio da Lavoura de Melgaço

Telefone: 13

PRESTA aos seus associados as melhores vantagens na compra de alfaias agrícolas, adubos, artigos para apicultura e viticultura, farinhas para animais-sulfatos de ferro e de cobre, enxôfre, corda e outros artigos para lavoura.

ENCARREGA-SE, em condições vantajosas, de colocar os produtos dos seus associados no mercado e de obter respostas a consultas que lhe sejam apresentadas sobre assuntos de lavoura.

CONVIDA os associados a aproveitarem os seus serviços e visitarem os seus armazens, verificando as vantagens que podem usufruir quer em preços, quer em qualidades.

GARANTE as qualidades dos artigos que fornece e a modicidade dos preços.

## Recordações da nossa terra

II I

Falando no querido cantinho de terra que me viu nascer, não posso deixar de me referir à linda Igreja em que fui baptizado.

A pequena distância do ostuso e histórico Castelo de Labreiros, junto à margem direita do rio do mesmo nome, acordada pelo mugir melonho de suas águas em noites de tempestade,

deleza-se bela e sorridente a antiga Vila de Castro Laboreiro. Os seus vestidos, tristes como as noites soturnas de inverno em que os carvalhais são fustigados pelas chuvas e ventanias, furtam o vestuário branco de noivado, quando numa descida lenta da temperatura a neve se deixa cair de mansinho. A dominar a humilde

voação, ergue-se esbelta nas suas linhas arquitetónicas a artística Igreja em cujo recinto o povo castro vai rezar a Deus para que dê a toda a brca faminta um pedaço—pedaço de pão, e ao pecador arrependido o Seu perdão de Pat. Cercada por um pequeno muro, apresenta-se à vista curiosa do visitante a fachada do lindo edifício, à qual a mão despreocupada de anónimo artista soube imprimir

(Continua na 2ª página)

# Ainda as videiras americanas

(Continuação da 1.ª página)

no sentido de que é preciso enxertar.

SABE MAIS O POVO de Melgaço que, há alguns anos atrás, o Governador mandou entregar a bastantes lavradores quantias relativamente vantajosas, para que estes enxertassem os seus produtores directos.

RECONHECEMOS que, decorridos cerca de dez anos, com estes pedidos, avisos e subsídios para enxertia, não podemos incriminar os serviços do Governador por menos atenção para conosco.

Para mais, DEPOIS QUE SE RECONHECEU que alguns proprietários receberam aquele quantitativo para enxertia e o guardaram.

Mas há uma coisa que nós devemos dizer e que sentimos dizê-la:

—O lavrador tem as suas queixas e as suas razões.

O lavrador volta a insistir em que há terras que se recusam a sustentar outra videira que não seja certa qualidade de americano. Porque se não havia de ouvir o nosso lavrador e responder-lhe com factos, por exemplo, com um campo experimental, se ele tem ou não razões?

Cremos que já aqui vieram algumas entidades oficiais prestar esclarecimentos necessários aos lavradores que os desejassem. Não sabemos porque, ele ainda não entendeu a campanha e não a compreende, em boa parte.

«A Voz de Melgaço» teria imenso gosto em dar larga colaboração, abrindo as suas colunas à dis-

cussão destes problemas.

Era esta a altura de se iniciarem pelo concelho vários cursos de aprendizagem e aperfeiçoamento dos vários trabalhos agrícolas.

É a altura de se pensar a sério na nomeação de um engenheiro agrônomo ou regente agrícola, que no nosso concelho ensinasse tudo o que diz respeito à parte técnica e social da lavoura.

Há neste ramo muito por fazer.

Aos Ex.mos Presidente da Câmara, nosso Amigo Dr. Pimenta e Presidente do Grémio da Lavoura, também nosso amigo tão gentil e atencioso para os seus sócios, entregamos a solução do problema.

Somos uma terra de pequenos lavradores. Que a revolução da lavoura comece e siga...

«A Voz de Melgaço»

## Pagaram a assinatura

Continuam os nossos prezados assinantes, sem que lhes enviássemos recibo de cobrança a pagar a assinatura.

Como lhes estamos gratos! Pagaram a assinatura, mais os Senhores:

José Joaquim Lopes, Manuel J. Rodrigues Torres, Dr. Cândido da Rocha e Sá, Manuel de Faria, Arlindo Rodrigues, Francisco Gervásio Pires Cerdeira, Diolinda Augusta Pereira, António Daniel de Fontes, Estantislau de Fontes, António Gonçalves Gilberto Cardoso, 2o Socio; A todos, muito obrigado

## Correspondência dos nossos

assinantes

Ex.º Senhor

Tendo «O Jornal de Monção» publicado um artigo intitulado «O caminho de ferro e a camilagem» no numero do dia 21 do corrente, e como vem ao encontro de muitas reclamações já feitas à C. P. era devida a justiça, que toda a imprensa do distrito occupasse essa campanha, para ver se as forças vivas do distrito também acordam, e bem assim a C. P. se lembra de nos dar combóios com os horários como antes da guerra e com carruagens mais higienicas e com comodidade. A'ante, pois para ver se assim chegamos a conseguir novos horários.

26/11/46.

Um assinante

# Oportuna resolução da junta de freguesia de Chaviões

(Continuação da 1ª página)

plesmente exarada no livro de actas, mas que dentro em breve seja uma realidade. Para esse fim a junta vai entender-se novamente com o Sr. Presidente da Câmara solicitando uma verba ao menos para os materiais necessários.

Por certo que serão atendidos. Porém essa verba não basta. É preciso que todos os habitantes estejam dispostos a sacrificarem alguns dias em proveito público. Sem a cooperação de todos nada se poderá conseguir.

Muitas vezes o comodismo e o egoismo são a ruína dos povos, privando-os de regalias e acarretando-lhes pesados encargos... Soponhamos que os habitantes se negam a trabalhar para a colectividade. Resultado: nada se faz de positivo e acrescem os encargos; diminui a receita e aumenta a despesa; perde-se a liberdade e vem a violência.

Todos sabemos que o Código administrativo art. 707 determina o imposto de trabalho que deve ser prestado por cada chefe de família que poderá ser pago em dinheiro.

No nosso concelho não tem sido executado, segundo pensamos. Mas quando o Presidente da Câmara vir em determinada freguesia falta de interesse público, pode muito bem impo-lo obrigatoriamente. Ora isso, além de odioso, seria desprestigiado perante os seus vizinhos, livres desse encargo. Por isso, para evitar tam desagradável incómodo, é preciso que todos procuremos secundar a iniciativa da junta e valorizemos a nossa terra.

No caso presente temos dois caminhos a seguir: ou reparar os caminhos, ou então conseguirmos carreiras aéreas para serviço interno e externo da freguesia.

CERQUEIRA

# «A VOZ DE MELGAÇO»

deseja aos seus amigos, leitores, assinantes e colaboradores as melhores Boas-Festas do Natal e Ano Novo.

# Rádio Voz de Melgaço

## Serviços de Recepção de Notícias...

Eh! lá... Daqui Lisboa. Foram mandados entregar às respectivas Câmaras Municipais do país mais dezasseite edifícios escolares, recentemente concluídos e que fazem parte do já famoso plano dos Centenários.

Viana... Viana... O porto de Viana começa a movimentar-se. Espera-se que em breve afinja um grande movimento. São muitos os operários portugueses que aqui trabalham e consta que vão ser construídos e reparados nestes estaleiros muitos dos futuros navios e barcos de Portugal.

Viana, a Princesa do Lima, a capital do distrito vai movimentar-se e os operários portugueses irão em menor escala para terras estrangeiras a procura de pão.

Paderne... Paderne... Os gado's nestas feiras movimentadíssimas correm de mão para mão...

Ainda bem que o lavrador vai tendo assim uma razoável fonte de receita. Também o gado caprino e ovino é muito procurado para ser transportado a Braga e a Barcelos. Dali segue para Lisboa... Claro, o que não ficou já por ali em carne para bifes...

Começam a aparecer pela serra os centeios. Ainda se trabalhou bastante por ali, mas a «praga» dos manifestos tem desgostado os lavradores, que se tem poupado mais a estes trabalhos. Muitos já se encontram em França, donde chegam os primeiros francos para suas esposas e pais.

Também vários tem sido os rapazes presos por via da emigração clandestina. Estes tiveram menos «sorte».

A estrada de Melgaço a Castro volta novamente a alindar-se. Aparecem pela sua margem lindos arbustos, que vem pôr uma esperançosa nota de beleza em todo o percurso. Lá para cima, para a serra, veem-se muitas árvores partidas. Fazem pena.

Allô... Allô... Daqui Prado, Prado.

Uma Comissão de paroquianos, sob a direcção do seu rev. Pároco, há alguns domíngos que têm visitado todas as casas da freguesia para o preenchimento duma boa subscrição a favor da igreja. Um generoso bemfeitor ofereceu já 1.000\$00.

Eh! lá Vila, daqui a Vila... Por todo o concelho se fez sentir uma fortíssima ventania na noite de vinte e três para vinte e quatro, sendo muitos os estragos materiais causados. Como não temos aparelhos respectiva nada podemos dizer sobre a velocidade do vento. Mas devia ser fantástica. Bastantes medus de palha e feno que os lavradores ergueram nos seus irradados andavam pelos ares numa dança macabra...

Lamas, A estrada que vai desta povoação à Bouça dos Homens para

servir o grande Campo de batata da Peneda vai já próximo do fim.

—A água levou em Lamas a ponte de pedra o que ocasionou vários prejuizos.

Eh, lá... Vila. O mau tempo que faz, retem ainda nos campos, sobretudo dos montes, muito milho por estorhar que ocasiona graves prejuizos.

# PELA Administração

## Novo assinante

Inscreeveu-se como assinante de «A Voz de Melgaço», a Ex.ma Senhora D. Maria da Luz Barbosa da Silva Gomes.

Os nossos agradecimentos.

## Queixas e avisos

Para ser dada imediata execução pede-se a todos os assinantes que enviem as suas queixas ou avisos, directamente, ao Director de «A Voz de de Melgaço» cuja residência é, presentemente: Avenida Central n.º 122—Braga.

## Nos nossos assinantes

Alguns assinantes queixam-se de não haverem recebido um ou outro número do jornal.

O serviço de expedição tem sido feito com esmero e escrupulo.

Ultimamente só temos recebido queixas de um ou outro da nossa terra. Os de fóra tem-no recebido com regularidade. Ora a Administração quer evitar estas faltas e pede o favor de a avisarem, sempre que haja deficiências.

Estamos aqui para servir.

## Assinantes do estrangeiro

Prevenimos todos os assinantes que recebem «A Voz de Melgaço» no estrangeiro de que o seu custo é, para eles, de 30\$00.

# Anúncios Tabela de preços

por cada linha (tipo corpo 8).  
Anúncios comerciais, cada linha \$40  
Anúncios em notícia redigida, cada linha . . . . . 1\$55  
Anúncios de repartições publicas, cada linha . . . . . 2\$00  
Agradecimentos, cada linha . . . 1\$00  
Notas de Sociedade (batizados, casamentos, etc.), cada linha . . 2\$00  
DESCONTOS  
em cada série de 5 publicações: 10 %  
séries de 10, 20 %; séries de 20, 30 %